

MEMÓRIA, POLÍTICA E IDEOLOGIA: BELMIRO, UM PROUSTIANO NA PERIFERIA DO CAPITALISMO

MEMORY, POLITIC AND IDEOLOGY: BELMIRO, THE PROUST ACCENT IN THE CAPITALISM PERIPHERY

ALEX ALVES FOGAL*
BÁRBARA DEL RIO ARAÚJO**

Resumo: A proposta do estudo é refletir como as relações entre literatura e política se articulam em *O amanuense Belmiro*, obra que inicialmente fora classificada pela crítica literária como psicologizante e sentimentalista. Assim como no paradigma dos grandes romances memorialísticos, a exemplo *À la recherche du temps perdu*, o intimismo revela, para além do lirismo, as questões políticas e ideológicas, elementos indispensáveis para a configuração estética. No caso do romance de Cyro dos Anjos, o tom proustiano acaba por se conformar aos aspectos locais, conjugando o mais refinado memorialismo à periferia do capitalismo.

Palavras-chave: memória, política, *O amanuense Belmiro*

Abstract: This essay proposal is reflecting how the relations between literature and politic are articulated in *O amanuense Belmiro*, book that initially was classified psychological and sentimentalist by the literary critique. As on the paradigm from the memorialist novels, following the example of *À la recherche du temps perdu*, the subjectivity reveals, forward the lyrism, the politic and ideological facts, elements indispensable to the aesthetic configuration. On the Cyro dos Anjos novel, the Proust accent conform the local aspects, explicating the most refined memories in the capitalism periphery.

Keywords: memory, politic, *O amanuense Belmiro*

* Doutor em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor efetivo de literatura brasileira no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

** Doutoranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora efetiva de literatura brasileira no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

As relações entre literatura e política, geralmente, são buscadas em obras de caráter mais referencial, em que a História se oferece frequentemente como um elemento visível na construção da forma artística. Assim, quando o enfoque é esse, ganham destaque as produções de cunho assumidamente engajado, conforme se observa no caso dos livros que enquadram guerras, convulsões sociais, processos de libertação política e períodos de repressão. No entanto, conforme nos ensina Theodor Adorno em sua *Teoria estética*, é importante lembrar sempre que

nenhum elemento social na arte é assim imediato, mesmo quando o ambiciona. Não há muito, o socialmente empenhado Brecht teve de afastar-se da realidade social, que as suas peças miravam, a fim de fornecer à sua atitude uma expressão artística [...] A forma age como um íman que organiza os elementos da empiria de um modo que os torna estranhos ao contexto de sua *existência extra-estética*, e só assim eles podem assenhorar-se da sua *essência extra-estética* (ADORNO, 2011, p. 341, grifos nossos).

Logo, essa estranheza apresenta-se como condição importante para que a forma estética se mostre apta a captar a estrutura política, sem simplesmente reproduzi-la conforme os valores em voga na sociedade. O respeito servil diante dos pormenores empíricos e a aparência sem falha da fidelidade fotográfica poucas vezes conduzem a uma reflexão verdadeiramente contundente sobre o mundo. É a posição de antagonismo proporcionada pela representação artística – quando a arte revela a realidade mesmo enquanto a nega – que garante a leitura a contrapelo da realidade política e social. Pode-se dizer que os matizes da forma não comprometem seu potencial de revelação histórica e social. Para que isso fique mais claro, basta compreendermos que a experiência sertaneja apresentada em um livro como *Grande sertão: veredas* – dotado de uma linguagem poética altamente inventiva e de um estilo de representação pouco convencional – apresenta-se de maneira mais complexa e realista¹ do que *Pelo sertão*, de

¹ É importante frisar que o conceito de realismo é entendido aqui de maneira ampla, conforme se vê nos estudos de Eric Auerbach, Georg Lukács, Antonio Candido e Roberto Schwarz. Ou seja, não está restrito à noção de uma escola, mas é um procedimento artístico capaz de dar forma estética a elementos que fundamentam a realidade representada na obra.

Afonso Arinos, obra de fortes traços descritivos e comprometida com uma ideia bastante restrita de verossimilhança.

Uma obra que permite um exercício semelhante é o romance *O amanuense Belmiro*, do escritor mineiro Cyro dos Anjos. Narrativa fundamentada pelo estilo memorialístico, inicialmente, o livro apresenta-se como um objeto de estudo pouco aproveitável para que se discutam as mediações entre estética e política. Em várias passagens, o narrador-personagem se perde em meio a reminiscências do passado, em uma tentativa frustrada de reconstruí-lo. Devido a isso, foi atribuído ao livro um caráter estritamente psicológico e lírico, fazendo com que grande parte da crítica dedicada a ele se voltasse quase que exclusivamente a elementos como os traços autobiográficos da narrativa, a escrita de si (o romance possui forma de diário) e o aspecto proustiano do livro.

Essa relação com o estilo de Marcel Proust mostra-se inevitável, afinal, não é possível falar em narrativas memorialísticas sem ao menos citá-lo. Mas, para além disso, sua obra é um marco relevante para que entendamos como se torna possível um entrecruzamento entre o mais profundo intimismo e a estrutura social. A exemplo do que se vê no caso do escritor francês, o apego do narrador às lembranças e o desejo de viver em um tempo pretérito não funcionam como obstáculos para que as contingências políticas e históricas sejam incorporadas à composição das obras. Na série *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, o melancólico e particular mundo interior do narrador nunca se desliga definitivamente da realidade concreta. Em vez disso, coloca-nos diante de uma apurada visão política sobre um período de crise e de transição na sociedade francesa, durante a Terceira República. Conforme já se vê nas primeiras páginas de *No caminho de Swann*:

Durante muitos anos, quando o Sr. Swann filho vinha nos visitar com frequência em Combray, sobretudo antes de seu casamento, minha tia avó e meus avós nunca suspeitaram que ele já não vivia na sociedade que sua família frequentava e que, sob a espécie de incógnito que lhe aureolava em nossa casa esse nome de Swann, eles acolhiam – com a perfeita inocência de honrados hospedeiros que podem ter, sob seu teto, sem sabê-lo, um bandido célebre – um dos membros mais elegantes do Jockey Club, amigo predileto do conde Paris e do príncipe de Gales, um dos homens mais cortejados do bairro da alta sociedade do bairro de Saint- Germain.

Nossa ignorância acerca dessa brilhante vida mundana que Swann Levava provinha evidentemente, em parte, da reserva e da discrição de seu temperamento, mas também do fato de que os burgueses da época faziam da sociedade uma idéia um tanto hindu, considerando-a como composta de castas estanques, nas quais, cada um, desde o nascimento, se achava colocado na posição ocupada pelos pais, e de onde nada os poderia tirar para fazer penetrar em uma casta superior, a não ser pelo acaso de uma carreira excepcional ou de um casamento inesperado (PROUST, 2003, p. 21).

A partir de um modo quase inocente, como quem apenas desenha o percurso de suas memórias, o narrador nos guia pelas transformações ocorridas no período em que se inicia a crise do aparentemente estabilizado capitalismo liberalista da última metade do século XIX, já corroído pelo parasitismo rentista que abre caminho para o capitalismo monopolista e as guerras mundiais. Carlos Nelson Coutinho, em um ensaio empenhado em discutir o teor realista da obra de Proust, assevera que

Proust evidencia a total inutilidade social das classes dominantes: assimilada pela aristocracia, confundindo-se com ela, a nova burguesia é envolvida pelo mesmo parasitismo que já há muito tempo atingira a nobreza, que vivia de rendas e das supostas glórias de um passado em extinção. Esse parasitismo liga-se estreitamente à situação econômica da burguesia na época da transição para o capitalismo monopolista [...]. Sintomaticamente, são rentistas todos os personagens centrais da *Recherche*, inclusive o personagem-narrador: nenhum deles executa um trabalho qualquer, seja alienado ou criador [...]. O terreno prioritário da “ação” dessas classes reduz-se agora ao mundo parasitário dos “salões”. (COUTINHO, 2005, p. 73)

O aparente distanciamento do narrador de Proust não impermeabiliza o romance em relação às tensões políticas e históricas. Conforme já notou Walter Benjamin em seu ensaio sobre as imagens no romance proustiano, até mesmo o esnobismo do narrador mostra-se um elemento importante na construção do romance, visto que dramatiza uma ótica de classe, segundo a qual toda alusão direta às relações de trabalho e produção deveria ser diluída. O narrador assume a perspectiva do “consumidor puro”, que apenas finge contemplar de fora, mas

que termina por mimetizar² a visão de mundo de uma classe “obrigada a dissimular integralmente a sua base material” (BENJAMIN, 2011, p. 44). Isso ocorre também em passagens menos sutis, como na discussão do caso Dreyfus, no segundo volume de *A casa de Guermantes*. Na ocasião, o narrador denuncia as arbitrariedades cometidas contra os judeus e ironiza a posição e as opiniões da elite dominante naquela situação. Ou ainda, na figuração do destino de Saint-Loup, personagem inconformista e crítico feroz do parasitismo aristocrático, mas que acaba fazendo parte de um casamento de conveniência que revela a falsidade de seu desejo em romper com a sua classe ou frear seu desejo de ascensão.

Tal como a grande obra de Proust, embora em outras proporções, o romance de *Cyro dos Anjos* mostra-se apto a revelar as nuances ideológicas e políticas da sociedade da década de 1930 no Brasil, período incontornável de nossa formação histórica. O fio da narrativa são os acontecimentos registrados no diário do amanuense frustrado, que, embora tente sempre escamotear a realidade em devaneios líricos, quase sempre sua tímida rotina se choca com os fatos. O período em questão foi marcado pelo ímpeto de mudanças e revoluções e, embora a maior parte desse anseio não tenha se concretizado, o decênio nos ensina uma importante lição sobre a sociedade brasileira e sua dinâmica política. Os anos 30 pressupõem a construção de um estado moderno e o fim da República Velha, o que coloca em cena uma vigorosa necessidade de industrialização e, consequentemente, o surgimento de novas forças sociais, como a burguesia industrial emergente, o proletariado urbano e os imigrantes. Logicamente, deriva daí uma pressão para que seja reconfigurado o panorama político da época, um coro engrossado pelo movimento tenentista, que se pretendia liberal e democrático. Entretanto, esse antagonismo entre as novas forças sociais e a hegemonia representada pela velha oligarquia converte-se em uma perversa simbiose. Devido à insegurança financeira e à predominância de um estreito pragmatismo, a burguesia, que faria o papel do setor mais progressista, estabelece uma aliança precária com a esfera oligárquica, mantendo uma organização na qual o ímpeto de modernização não se contrapõe diretamente aos resquícios de arcaísmo. “Uma

²O termo mimetizar não é utilizado aqui no sentido de *imitatio*, pois não está associado à noção iluminista de representação poética, na qual a razão e a verossimilhança são priorizadas e a imaginação é relegada para o segundo plano (NUNES, 2007, p. 26-28). O sentido da palavra aqui se aproxima mais de *mimesis-thai*, que sugere a interpenetração entre força representativa e imaginativa, conduzindo à *poiesis*.

lógica semelhante presidiu a atuação dos militares, cujos pressupostos democráticos e reformistas acabaram esmaecidos devido à indecisão programática, resultando na legitimação e reprodução dos objetivos da pequena burguesia e da velha oligarquia” (FAUSTO, 1978, p. 14). Como é de praxe, restou à classe trabalhadora a função de espectadora, revelando-se a impossibilidade de uma revolução social e democrática que parta das necessidades populares.

As memórias de Belmiro estão impregnadas por essa dinâmica política e social. Filho da oligarquia rural, o tímido rapaz do interior muda-se para a capital mineira para formar-se e continuar a linhagem dos Borbas, representantes do setor agrário na pequena Vila Caraíbas. Porém, o nome – e nem as posses – de sua família já não são tão suntuosos e o rapaz abandona o rumo dos estudos agronômicos e envereda-se pelos ciclos literários e boêmios da cidade de Belo Horizonte, terminando sua empreitada no modesto cargo de amanuense da seção de fomento animal do estado. O personagem, então, incorpora a fórmula descoberta por Drummond, que tão bem explica o nosso singular processo de modernização: “Tive ouro, tive gado, tive fazendas / Hoje sou funcionário público” (ANDRADE, 2008, p. 11). Em outras palavras, é a dinâmica que presidia a inserção dos filhos da oligarquia falida na sociedade de classes, uma vez que já não eram nem proprietários e muito menos proletários. Além disso, muitos deles se auto intitulavam homens de cultura, interessados em literatura, artes e atividades intelectuais (embora, muitas vezes, isso não passasse de uma pretensão arrogante) e, portanto, não seria adequado se envolverem diretamente com o mundo do trabalho, pois era mais honroso ocupar uma escrivania em uma repartição pública, fosse ela qual fosse. Por conseguinte, essa posse da cultura era o meio pelo qual os rebentos falidos se mantinham sem o estigma da condição de trabalhador comum. Para atingirem esse intuito dependiam do resto de prestígio que ainda havia no sobrenome herdado ou nas relações constituídas com figuras sociais eminentes no passado glorioso da família.

Esse comportamento social se torna evidente na forma da narrativa de *O amanuense Belmiro*, por meio do uso de técnicas elaboradas no que concerne à dramatização psicológica do narrador. Belmiro vive de conveniências, mas isso parece escondido frente à fantasia da escrita. Aparentemente modesto e pouco incisivo nas situações e decisões, o amanuense expressa seu conservadorismo e sua cordialidade, condições necessárias para manter seus pequenos privilégios.

Interessante é que o registro capta suas contradições como, por exemplo, quando ele descreve o movimento político da Intentona de 1935 dizendo:

Para satisfazer à sua curiosidade, que tão raro se exercita, servi-me da mesma explicação dada durante a revolução de 1930: fora uma briga de dois coronéis, gente graúda. De outro modo, ser-lhe-ia difícil compreender. Em Vila Caraíbas havia, ainda, memórias das rixas seculares entre famílias importantes. A vila era pacífica, mas um pouco além, nos confins do Norte, ocorreram durante muito tempo querelas sangrentas, que consumiam famílias inteiras. Dois coronéis fazendeiros brigavam por questões de terra ou de honra, iam às armas, matavam-se. Filhos, netos e bisnetos herdavam a contenda avoenga, e esta só terminava, às vezes, com a aniquilação de todos os elementos válidos, de parte a parte. Havia reencontros armados, com jagunços de um e de outro lado. A isso chamavam “fogo”. A pergunta de Emília, a propósito da revolução comunista, lembrou-me os dias penosos de 1930, quando as manas me deram grande trabalho. (ANJOS, 1983, p. 159)

O fato político é trazido para a narrativa, servindo de mote para que o narrador externalize suas impressões e assim nos ofereça insumo para entender sua postura política, que, por sua vez, se relaciona com a visão de sua classe. Quando Belmiro aproxima os movimentos de 1930 e 1935, ele coloca a revolução como um movimento progressista, com uma estratégia positiva encabeçada pela classe média. Entretanto, trata-se de movimentos diferentes, e, ainda que essa classe média tenha justificado a reivindicação, o resultado foi a reprodução da desigualdade, garantindo assim a revolução pelo alto, em uma via prussiana. Percebemos que ele confunde os eventos, mas ao fazê-lo demonstra sua consciência política e classista:

Assim, para efeito de análise, o que fica registrado no livro não é só a opinião do narrador-personagem – pois a voltagem social do romance não se esgota na mundivisão do protagonista –, mas a fatura mesmo da composição dos fatos, que, por sua vez, especifica uma determinada concepção sobre eles. [...] Por tudo que foi discutido até aqui, vê-se que a mundivisão de Belmiro não é a-histórica [...] o que aparece como sentimento apolítico, cético ou niilista é uma forma de representar a sociedade, pois a atitude de Belmiro dá vida à postura dos intelectuais de classe

média distanciados dos meios de mobilização social, indispostos com o elitismo dos movimentos existentes e contrários ao estado das coisas. Belmiro representa o intelectual diante dos dilemas da “via prussiana”, em outras palavras, o que seria a condição a-histórica de Belmiro é, na verdade e ao contrário, prova de sua historicidade. (FERNANDES, 2012, p. 206-207)

Durante todo o percurso narrativo, nota-se a configuração de uma tensão entre o que está dentro e fora do campo de visão de Belmiro Borba. Nesse aspecto, a obra se assenta sob uma escrita narrada em primeira pessoa, a qual faz surgir uma segunda voz, irônica, que desnuda o conflito entre o Belmiro narrador e o Belmiro personagem:

Pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim [...] tais solicitações contrárias, em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço. (ANJOS, 1983, p. 20-21)

O desdobramento de personalidade é imprescindível para o entendimento do conflito de classe que perpassa o homem tolhido pelo excesso de vida interior, e que, melancolicamente, escreve seu diário, tentando compreender e manipular a realidade. Nesse sentido, para além da escrita de si, o espaço narrado é mediação entre a busca pela evasão e a análise do vivido, a fim de encenar uma dinâmica entre o real e o sonho:

Belmiro escreve porque precisa abrir uma janela na consciência a fim de se equilibrar na vida, o que não importa em ilusão quanto ao verdadeiro significado deste trabalho [...]. Numa ordem mais geral de ideias, pode-se dizer que o amanuense é uma ilustração do gravíssimo problema dos efeitos da inteligência, através de seu poder de análise, sobre o curso normal das relações humanas. [...] A atitude belmiriana resulta de uma aplicação do conhecimento aos atos da vida – entendendo-se neste caso por conhecimento a atitude mental que subordina a aceitação direta da vida a um processo prévio de reflexão. (CANDIDO, 2004, p. 77)

Na sua escrita, Belmiro a tudo relativiza, inclusive seu passado. Ele assume fazer dele ficção, dando um pouco de vigor àquela inércia, àquela derrota. A configuração de si, entretanto, escapa ao seu domínio e o presente invade suas memórias deixando clara a realidade: o personagem Borba, sua juventude de latifundiário e de grandes promessas, dá lugar ao narrador Belmiro, frustrado e decadente. Essas instâncias complementares marcam o romance de uma mistura estilística ímpar: o ritmo rápido capta os acontecimentos e cenas, o ritmo lento fica para a reflexão analítica, que parece predominar. Esse contraponto faz da narrativa um enunciado das derrotas e de tudo que não prevaleceu:

Publique-o ou não, terei de dar-me como sou. Tais desnivelamentos é que compõem minha vida e lhe sustentam o equilíbrio. A um Belmiro patético, que se expande, enorme na atmosfera caraibana – contemplando a devastação de suas paisagens – sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos. (ANJOS, 1983, p. 88)

Os problemas do desenvolvimento social tentam ser desmontados na narração do protagonista pela fuga, fazendo revelar a deformação no indivíduo que, contraditoriamente, separa teoria e prática, razão e sentimento. Nessa dinâmica, ele tenta ocultar a tragicidade da existência degradada, distanciando-se da decadência da família, antes abastada e hoje sustentada mediocrementemente pelo burocratismo público. Entretanto, a contradição da realidade é viva e o aparente “destino eterno dos homens” revela uma questão política e historicamente situada:

Não me faltam cuidados na vida e é ridícula essa trama sentimental em que me envolvi. Lá está Francisquinha no Instituto. Emília se acha de cama, doente. Desde dois dias, fiquei reduzido a níqueis, embora estejamos a sete do mês. O ordenado se foi nessas despesas imprevistas e ainda há contas por pagar. É ridículo. Amanhã terei que visitar o agiota. Não deveria preocupar-me, antes, com estas coisas?
 – Não! Diz-me alguém, com majestade. O que nos deve preocupar são os problemas eternos! [...] Problemas eternos! A razão talvez esteja com Silvano. Não vale a pena pensar nas dificuldades da vida. Dedicar-te aos eternos problemas, Belmiro!
 (ibid., p. 92)

A perspectiva política é implacável e mostra como o personagem parece tocado pela vontade de supressão, embora ela não seja fruto de um simples voluntarismo, mas da sua condição real de classe. Assim, ele afirma a sublimação, criando um estilo “belmiriano” de viver, mas isso não é instituído como vontade; ainda que ele finja, é o que lhe restou como possibilidade de existência, como uma deformação amesquinhada das contradições da vida capitalista. Um lugar no mundo, na carreira burocrática pelas mãos do deputado, é assim que Belmiro alcança certo conforto revelador de seu lado derrotista e seu descompasso:

Ao escrever esta página, lembra-me uma palavra que ouvi do desembargador Linhares acerca da predominância da face campesina em meu temperamento [...]. Uma tarde dessas, confiei-lhe meu estado de espírito, que se resume na disposição de orientar-me exclusivamente pela sensibilidade, desde que vacilaram e caíram, aos meus olhos, todas as convicções e pontos de apoio da consciência. Disse-lhe que me presumia um homem sem princípios, ou que conservava apenas preceitos morais, legados pelo velho Borba. O desembargador fitou-me e com os olhinhos penetrantes, por detrás das lunetas grossas, e esclareceu a mim próprio que nem esses preceitos me restam e que o que há em mim são sentimentos de ordem moral. (ANJOS, 1983, p. 65)

Interessante é o método desse procedimento: “do lugar em que Belmiro foi alçado, ele descreve com certo pudor ou modéstia, excluindo o que possa precisar qualquer situação” (SCHWARZ, 1978, p. 12). Não sabemos como foi, nem quem conseguiu fazer dele parcialmente vencedor, mas existe, na narração, certo moralismo que tende novamente ao movimento de sublimação. O esquema de favor é descrito de modo sutil, entretanto ele faz-se presente e revela quem é o amanuense e como as questões políticas são imprescindíveis para a sua classe:

Em Belmiro convivem os inconciliáveis: o democratismo e o privilégio; o racionalismo e o apego à tradição, o impulso confessional, que exige veracidade, e o temor à luz clara. Ora, para estar dos dois lados é preciso que Belmiro esteja, de algum modo, a salvo destes conflitos. A pedra seca do amanuense é a burocracia. (ibid., p. 19)

É a burocracia, seu cargo de amanuense, que exige sua postura imparcial para a manutenção dos privilégios. Nesse aspecto, é mister entender como a dinâmica de classe fica evidente no seu tom sempre recatado e fraternal, sendo parte de uma sensibilidade populista que se projeta sobre as massas, mas logo a sublima e some, permanecendo distanciado e individualizado: “O mais cômodo é entregarmo-nos a ele, acompanharmos a maré” (ANJOS, 1983, p. 101). Assim, Belmiro funciona como a mimese de uma modernização conservadora que invade os limites da burocracia e da cidade, mas arrasta consigo os privilégios da casa grande e da fazenda. A situação trágica impõe-se por conciliar duas ordens decadentes, reproduzindo a condição deslocada e minguada do que sobrou. Belmiro espera o salário pouco e a morte chegar. Ele está plantado, rompido com o passado e dissociado do presente. Há uma falta de naturalidade, que, por mais que se tenha a aposentadoria digna tão almejada, transparece a pior das situações: imobilidade, forma negativa e conciliação. “Por consciência não aceita mais o ciclo natural das coisas: família, trabalho e filhos; pela situação vive a vida imutável a qual somente o ciclo natural traria variações” (ibid., p. 19). Na oposição entre o espaço da fazenda e da cidade, percebemos que o ideal democrático esvai-se, mantendo os privilégios. Entretanto, ainda com uma aposentadoria decente, a urbanização onera, apertada, mediocriza a vida de Belmiro, oferecendo um trabalho amesquinhado e uma vida de ilusão com rodadas de chope. No bar, parece que todos são iguais, quando, de fato, não são. “Belmiro é vítima e beneficiado ao mesmo tempo, de modo que sua gratidão deve ser melancólica, sua crítica amena e sua posição incerta” (SCHWARZ, 1978, p. 19).

A imagem histórica das narrativas da literatura brasileira dos anos 30 se elabora pela luta agônica e antagonica de dois sistemas – o moderno e o antigo – que se revela nas classes e nos sujeitos na sua experiência limite. Os fracassados como Belmiro não são capazes de compreender os acontecimentos, e a narrativa, ao invés de documental e naturalista, mostra os limites do seu realismo, pois o sujeito lírico ali não é capaz de refletir amplamente sobre a sua experiência e, no seu contraste, percebemos o quanto ela é parcializada, por não conseguir atingir a totalidade. Há uma fragmentação, uma cegueira que esteticamente evidencia o problema histórico da não afirmação da individualidade nesse sistema moderno, mas conservador. É difícil ter ali uma autoconsciência fixada, e isso aparece a contrapelo, quando percebemos que a consciência não desaparece e busca-se melancolicamente por uma afirmação nunca conseguida.

O estabelecimento de um duplo na narrativa e sua contradição entre o eu narrado e o narrador revela esteticamente a condição ambígua dessa classe desagregada historicamente. Assim, esse movimento duplicado e contraditório do narrador é representativo do lugar dessa classe que se mantém a reboque no processo de modernização. Segundo João Ettiene Filho, ainda que o livro não trate de modo explícito do campesinato, da classe proletária e dos marginalizados do centro urbano, ele explicita o drama da classe média, muitas vezes filha de uma aristocracia rural decadente que sobrevive pelo emprego público (ETTIE-NE FILHO apud NOBILE, 2006, p. 2).

Nem nas fazendas, nem no serviço público: Belmiro está reduzido. É um sujeito administrado no sentido de que está condenado à passividade, já que seu comportamento e consciência funcionam condicionados ao aspecto político e à dinâmica da classe que ocupa. Sistematizando, a história de Belmiro se confunde com a história política de uma classe; filho de uma oligarquia decadente, ele representa as famílias abastadas que começam a desligar-se do campo para inserir-se nas cidades. A decadência começa com o pai e Belmiro agrava a crise pré-industrial que revela uma sociedade pouco inovadora, mas que se urbaniza e progride, conservando os vínculos de estamento. Na figura de Belmiro, percebemos como sua classe é um fantasma, isto é, não pertence ao passado, nem consegue adaptar aos novos tempos, aos meios materiais. A condição de burocrata, embora mostre “uma queda para cima”, é um simples consolo para quem teve origem abastada e encaixou-se no poder público por uma boa recomendação, reforçando assim sua situação de decadente: “Sei que, apesar das degenerescências deste fim de raça, os Borbas gritam dentro de mim. Aqueles sagrados furores não me são estranhos nem aquelas intolerâncias com etiquetas” (ANJOS, 1983, p. 108).

A memória estilizada na narrativa retraça e representa uma questão política, pois, embora seus problemas pareçam insolucionáveis numa discussão metafísica, eles, na verdade, são um xeque-mate histórico, revelando como algumas classes sociais não possuem força para reverter e nem se adaptar à modernização. A degradação espiritual de Belmiro, a sua fraqueza, é histórica e social, ao revelar a decadência de uma classe triunfante, a oligarquia do interior de Minas Gerais. Tal decadência, que se iniciou com seu pai, agrava-se na sua figura perdida, diante de um cenário pré-industrial com poucas oportunidades. Belmiro

pouco consegue adaptar seus meios de vida, acaba como amanuense, burocrata de terceira ordem, parte que lhe coube do latifúndio e das lavouras.

Fica claro que por trás da frágil cortina das reminiscências inocentes de um passado grandioso, a realidade do presente continua a se impor. O registro memorialístico não se limita a um lirismo melancólico e piegas quando está representado de maneira engenhosa e aguda como se vê no caso de Cyro dos Anjos e no incomparável exemplo de Marcel Proust. A preocupação com os “problemas eternos”, no caso de Belmiro, e a necessidade de retomar o sabor da *madeleine*, no caso de Marcel, dizem muito mais do que parece. A subjetividade não se apresenta ali como uma simples forma de expressão ou como manifestação puramente deliberada do sujeito, mas acaba por ser uma condição por meio da qual o indivíduo “tem de ser o seu ser”. É algo historicamente situado (SARTRE, 2015, p. 45).

Trata-se de dois narradores que buscam reconfigurar o mundo conforme lhes pareça mais seguro e aprazível, segundo suas respectivas óticas de classe. Cada um a seu modo expõe a decadência de um sistema e a chegada de outro, porém, sabemos perfeitamente que a Vila Caraíbas não equivale em nada à Combray de Marcel. A decadência não possui peso igual para os dois, já que o amanuense está inserido em uma realidade periférica, por si só já degradada. Assim, para o narrador de Proust, a vida agitada e despreziosa dos salões é uma realidade. A nova elite que surge, representada por Swann, ainda frequenta os jantares de sua família buscando por respeito e inserção social. Enquanto isso, o amanuense, por meio de seu modesto ordenado de pequeno funcionário público, cuida de duas irmãs em uma casa sem requintes, situada em um bairro simples de Belo Horizonte. Nesse sentido, sua ânsia intelectual, seu desejo de se diferenciar socialmente e de retornar ao passado acaba por espremer o seu presente cada vez mais desfibrado, diferentemente do que ocorre com Marcel, cujo desejo de retomar o tempo perdido não o conduz tão rapidamente para a penúria. A autocontemplação de Belmiro é mais estagnante que a do outro, uma vez que a própria sociedade da qual ele faz parte já representa essa estagnação. Enquanto o narrador de Proust lamenta o advento do capitalismo financeiro, o arrivismo irrefreável e o rentismo – vale lembrar, três décadas antes –, a sociedade brasileira ainda se organizava a partir de um capitalismo incipiente, sustentado por uma organização política cujo liberalismo servia apenas como verniz e as intenções progressistas caminhavam de braço dado com o atavismo das oligarquias.

Em síntese, as memórias de Belmiro formalizam a posição *sui generis* que o país ocupa na ordem mundial. Conforme nos ensina o esquema de Roberto Schwarz:

A inserção de nossas peculiaridades de nação periférica no presente do mundo cria uma situação intelectual-política de alto interesse, que contraria as divisões estabelecidas. Se for levada a cabo sem complexo de inferioridade de ex-colônia e sem exaltação patriótica tola, ela permite a reflexão livre sobre o curso real das coisas – ideológicas, estéticas e sociais –, com base em experiências feitas, historicamente sedimentadas. A articulação interna das esferas que a divisão do trabalho intelectual costuma apartar – história nacional de um lado, história contemporânea do outro – abre campo para a avaliação da experiência local à luz do presente mundial, mas também vice-versa, para a avaliação do presente mundial à luz da experiência local, que é um espaço com força própria. O valor crítico dessa desagregação dos âmbitos ainda não foi devidamente explorado. Não se trata apenas de relativizar a oposição de local e universal, mas também de ver as reciprocidades perversas entre ex-colônia e nações imperialistas, subdesenvolvidos e desenvolvidos, periféricos e centrais etc., oposições politicamente mais relevantes e carregadas. A própria distância entre a herança social-econômica da Colônia e os avanços da civilização, geralmente sentida como quase irremediável, por momentos pode aparecer como margem de manobra e como oportunidade para um salto inovador. (SCHWARZ, 2012, p. 169-170).

Referências

- ADORNO, Theodor. W. *Teoria estética*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2011.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: MEDIA-fashion, 2008.
- ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1983.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Lukács, Proust e Kafka: literatura e sociedade no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

- FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. Dualismo e dialética em Cyro dos Anjos: *O amanuense Belmiro*. In: WERKEMA, Andrea Sirihal et al. (org.). *Literatura brasileira: 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- NOBILE, Ana Paula Franco. *A recepção crítica de O amanuense Belmiro, de Cyro dos Anjos (1937)*. São Paulo: Annablume, 2005.
- NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético* (org. Maria José Campos). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: O globo, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é a subjetividade?* Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.